

POLÍTICA

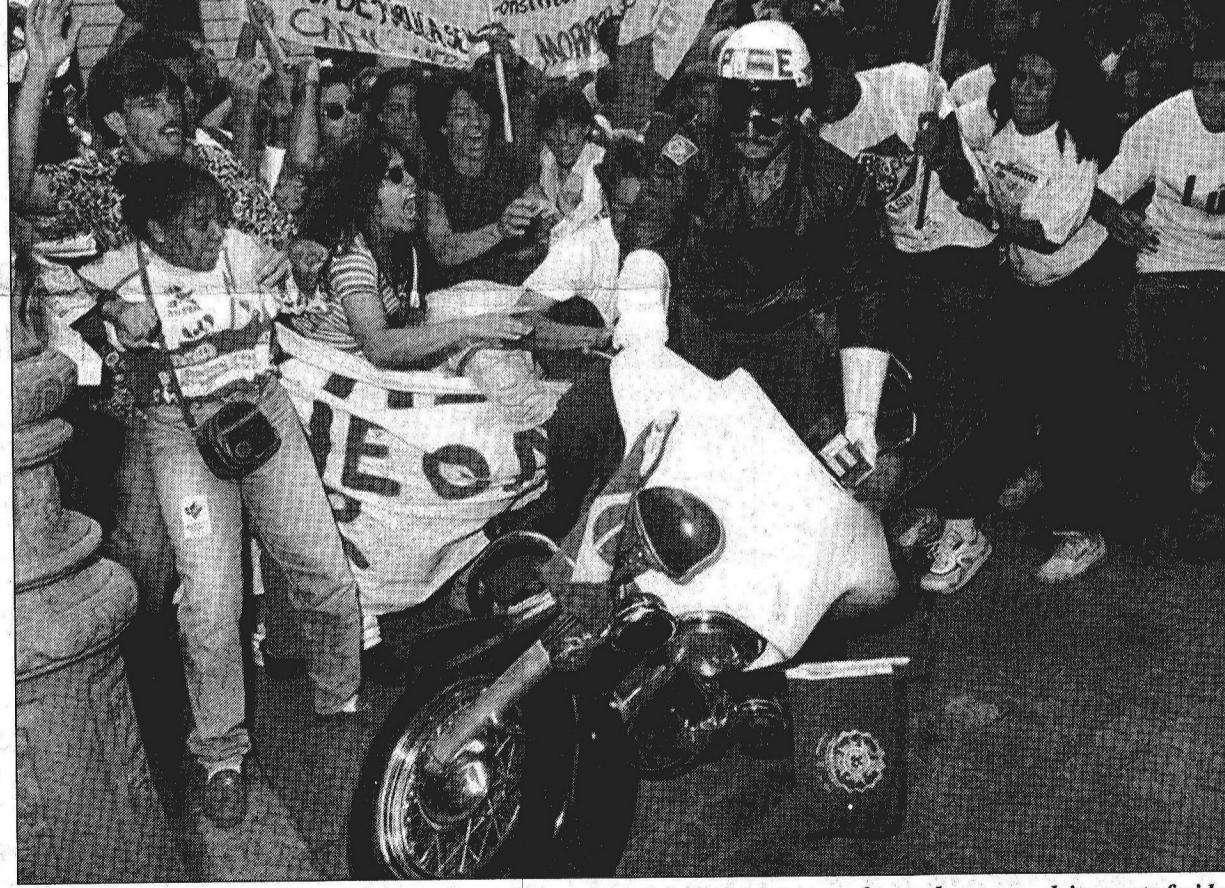
João Cerqueira / AJB



Candelária: soldado da Polícia do Exército faz disparos de balas de borracha contra manifestantes que vaiaram o presidente Fernando Henrique

Vaias ao presidente no Rio acabam em batalha de rua

Avaníia Niko / AFP



Cercado por manifestantes, um batedor da escolta presidencial cai durante o confronto de rua que deixou sete feridos

Rio — Pelo menos sete pessoas ficaram feridas e dois sindicalistas foram presos durante um choque entre a Polícia do Exército e cerca de 600 manifestantes, no momento em que o presidente Fernando Henrique Cardoso deixava, sob vaias, o Centro Cultural do Banco do Brasil, no centro do Rio, no início da tarde de ontem.

“É uma manifestação de derrotados. Eles perderam a eleição e o juízo e agora querem ganhar no grito”. Foi o comentário do presidente.

Ele lamentou que “grupos corporativistas” tenham se manifestado no momento em que lançava um “ato de maior importância para o País” — o projeto educacional *Acorda Brasil, está na hora da escola* —, mas admitiu: “Isso faz parte da democracia”.

Os manifestantes protestavam contra a reforma constitucional, a privatização das estatais, a medida provisória das mensalidades escolares e as mudanças na Previdência.

O protesto foi organizado por sindicatos ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e ao PT, PC do B e PSTU, além de entidades estudantis.

Revolta — Funcionários da Fundação Nacional da Saúde (FNS) que trabalham no combate às endemias, como a dengue, eram os mais revoltados. “Atenção população: a epidemia da dengue no Rio será o novo holocausto”, dizia um cartaz.

Segundo o diretor do Sindicato dos Bancários, Robson de Oliveira Santos, o tumulto começou quando dois batedores do Exército aceleraram suas motos, atraindo os manifestantes no momento em que o presidente e o prefeito César Maia iam sair pela rua 1º de Março, por trás do Centro Cultural.

Com o barulho das motos, os estudantes correram para o local, e os soldados da Polícia do Exército (PE) que formavam a barreira de isolamento fizeram o mesmo.

Frente a frente, os manifestantes atiraram latas de cerveja, pedras e sinalizadores de plástico usados no isolamento. Os soldados revidaram com bombas de gás lacrimogêneo.

Presidente e comitiva já haviam saído quando os soldados da PE — escudos e casquetes nas mãos — começaram a empurrar os manifestantes para a Candelária.

Foco — Lá, estava o foco do protesto, incluindo um carro de som do Sindicato dos Bancários e outro da CUT-Rio. O conflito, então, se generalizou.

Até mendigos que descansavam embaixo da marquise do Banco do Estado de Pernambuco se envolveram, passando a atirar pedras na direção do tumulto.

18 MAR 1995

“É uma manifestação de derrotados. Eles perderam a eleição e o juízo e agora querem ganhar no grito. Faz parte da democracia”

Presidente
Fernando Henrique

Às 13h20, a PE se deslocou rumo à Praça XV. Os manifestantes, então espalhados por toda a Candelária, começaram a se aglutar na frente do Centro Cultural.

Embora a postos, 40 soldados de um Batalhão de Choque da PM não se envolveram.

Nesse momento, os dois carros de som passaram a pedir aos manifestantes que se retirasse do local e foram atendidos.

Mais tarde, Fernando Henrique enfrentou nova manifestação, desta vez de funcionários da Light, que o receberam na sede da empresa com protestos contra a privatização.

Agora os estudantes prometem novo protesto, em ato marcado para o dia 28, no Rio e em Brasília.